

Excursão na Teologia Natural (Parte 19): O Argumento Moral 2/5

Seção 04 / Aula 19

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 30/07/2024, 18:30:01 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-02-10

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Retomada do argumento moral

Bem, hoje queremos continuar nossa discussão sobre o argumento moral para a existência de Deus. Da última vez, examinamos a defesa da primeira premissa de que se Deus não existe, então valores e deveres morais objetivos não existem. Terminei da última vez enfatizando que precisamos entender corretamente a questão. A questão não é "Devemos acreditar em Deus para viver uma boa vida moral?" Não. Acho que todos nós conhecemos descrentes, muitos deles talvez membros da família, que vivem vidas boas e decentes. Da mesma forma, a questão não é "Podemos reconhecer valores e deveres morais objetivos sem acreditar em Deus?" Sim, podemos. De fato, a Bíblia ensina isso. A Bíblia ensina que as exigências da lei moral de Deus estão escritas no coração de cada ser humano.

Mesmo pessoas que não têm revelação especial de Deus ainda assim têm uma espécie de compreensão intuitiva da lei moral e de seus requisitos. Portanto, não é necessário acreditar em Deus para conhecer ou reconhecer seus deveres morais. Novamente, a questão não é "Podemos formular um sistema de ética sem referência a Deus?" Se o ateu estiver disposto a conceder o valor moral intrínseco dos seres humanos, então ele provavelmente pode elaborar um código ético de conduta com o qual o cristão ou o teísta em grande parte concordará. Em vez disso, a questão diante de nós é: "Se Deus não existe, existem valores e deveres morais objetivos"? Argumentei que na ausência de Deus simplesmente não há nenhuma base plausível para afirmar a existência de valores ou deveres morais objetivos.

Discussão: objetividade e epistemologia moral

Agora, antes de olharmos algumas objeções à premissa um, há alguma discussão adicional sobre essa premissa antes de prosseguirmos?

Aluno(a): Para reformular isso, uma rosa com qualquer outro nome ainda é uma rosa. Se eles acreditam em valores morais intrínsecos – absolutos – então isso não seria apenas outro nome para uma característica de Deus, mesmo que eles não reconheçam isso?

Dr. Craig: Na medida em que eu acho que os valores morais supremos estão fundamentados em Deus, sim. Acho que isso seria verdade. Eles não reconheceriam sua fonte, mas reconheceriam que, por exemplo, o amor é uma virtude e o ódio é um vício. Nesse sentido, eles compreendem algo da natureza de Deus – que Deus é amor.

Aluno(a): Corrija-me se eu estiver errado, mas se não há Deus, como pode haver algo objetivo? Tudo então se torna subjetivo, não é?

Dr. Craig: Bem, eu não estou afirmando isso. Acho que isso precisaria ser argumentado. Por exemplo, existe verdade objetiva se não há Deus? Parece-me, pelo menos à primeira vista, que se Deus não existisse mas o universo ainda existisse, haveria verdades objetivas. Por exemplo, seria verdade que Deus não existe. Seria verdade que você existe. Isso não seria de forma alguma subjetivo ou relativo ou dependente da pessoa. Parece-me que ainda haveria verdade objetiva. Mas quando se trata de coisas como valores morais, lá parece-me que tudo seria subjetivo. Isso também pode ser o caso com relação aos valores estéticos – o belo versus o feio. Na ausência de Deus, há valores estéticos objetivos ou a beleza, como dizem, está apenas nos olhos de quem vê?

Eu estaria muito aberto a uma espécie de argumento teísta baseado na objetividade dos valores estéticos. Mas não estou apresentando esse argumento neste momento. Estamos nos concentrando apenas em valores e deveres morais.

Aluno(a): Meu problema vem do fato de que o universo não é composto apenas pela humanidade. Há também um grande número de animais que, se houver valores morais objetivos, por que eles não os têm? Eles não têm. Eles fazem o que têm que fazer para sobreviver.

Dr. Craig: Acho que isso está certo. Os animais não são agentes morais. Como eu disse, se Deus não existe, então somos apenas uma espécie de primata relativamente avançada neste pequeno planeta, um pouco mais avançada que os macacos. É difícil ver por que teríamos obrigações morais que eles não têm.

Aluno(a): Eu me pergunto, você poderia estender isso dos deveres morais aos deveres epistêmicos também? Deveres epistêmicos objetivos? Por exemplo, eu devo acreditar naquilo que é o caso, independentemente de sua utilidade. Parece que sem Deus estamos em uma situação semelhante.

Dr. Craig: Na medida em que quando alguém fala de deveres parece-me que você está falando de deveres morais, – alguns de seus deveres morais seriam, como você colocou, epistêmicos. Eu devo acreditar naquilo que é verdade seja útil ou não ou se me beneficia ou não. Isso pode ser um dever moral no campo do conhecimento, eu acho. Mark fez um comentário aqui na semana passada.

Aluno(a): Na semana passada, eu queria fazer uma pergunta sobre o mecanismo da lei natural. Deixe-me enquadrar isso de uma maneira particular. Talvez um cético diga: “Eu aceito que fui afetado pela natureza ou pela criação”. Acho que você mencionou o nome de um cético em particular na semana passada. Eles podem dizer, quanto à natureza, talvez aceitem a doutrina cristã de que sua natureza está corrompida. E então, no lado da criação, eles podem dizer que são cétricos. Eu não estou sendo criado pela comunidade cristã. Cresci com ateus. Eu não sei nada sobre a Bíblia. Então, a questão pode ser de um cético, como podemos explicar o mecanismo de como as pessoas podem conhecer a lei natural?

Dr. Craig: Isso não faz parte do argumento. Eu não tenho nenhuma visão particular sobre isso. Estou totalmente aberto a qualquer teoria sobre como chegamos a conhecer nossos deveres

morais: consciência, intuição racional, reflexão sobre o valor humano, revelação divina. Estou sinceramente muito aberto a todos os tipos de epistemologias morais – sobre como chegamos a conhecer o conteúdo de nossos deveres morais. Então, simplesmente não estou abordando essa questão neste argumento. Esta é uma questão de ontologia moral; ou seja, existem valores e deveres morais objetivos? Não é uma questão de epistemologia moral – como conhecemos nossos deveres morais. Essa confusão é uma que se deve constantemente combater ao compartilhar este argumento com as pessoas, porque muitas vezes a questão se desliza para questões de epistemologia moral – como conhecemos o bem ou como conhecemos meu dever moral?

Não tenho nada a defender.

Aluno(a): Eu concordo. Eu sempre começaria com um argumento de ontologia primeiro. Estou pensando na pessoa curiosa que está agora no ponto de tentar entender isso – agora curiosamente buscando e não jogando isso como uma primeira objeção.

Dr. Craig: Sim, e eu digo, estou aberto. Eu realmente estou. Eu não tenho nenhuma teoria particular sobre como chegamos a conhecer nossos deveres morais. Suspeito que, sendo criados à imagem de Deus, temos esse senso inato do valor intrínseco dos seres humanos, de modo que temos um profundo senso moral de que alguma ação que é incompatível com tratar outra pessoa humana como intrinsecamente valiosa e tratá-la como meramente um meio para um fim seria imoral e estaria errado. e assim acho que você poderia fazer muita ética e entender nossos deveres morais simplesmente pela reflexão racional sobre como você trataria outras pessoas se elas tivessem valor moral intrínseco e fossem fins em si mesmas, em vez de meios para algum outro fim.

Além disso, acho que a revelação divina também nos diz muito sobre nossos deveres morais. Deus nos deu os Dez Mandamentos, a lei moral. Isso também complementarizará qualquer intuição que possa ser instintiva em nós. Mas estou muito aberto a qualquer sugestão que alguém possa ter.

Materialismo e evolução da moralidade

Aluno(a): Talvez isso já tenha sido tratado em semanas anteriores e posso ter perdido. Mas, como lidamos com aqueles que lidam com os que são materialistas puros que negariam quaisquer aspectos espirituais que falamos e afirmariam a universalidade desses conceitos morais, vindo de muito tempo atrás no que eles chamariam de árvore humana, ou a árvore da vida, voltando o suficiente para que isso fosse incorporado naquele ponto, portanto, se tornou universal à medida que a árvore crescia e se espalhava por toda a humanidade. Eles são incapazes, é claro, neste momento de afirmar que têm evidências sobre qual gene ou qual coisa física poderia ter transmitido essa moralidade, mas essa afirmação parece estar sendo feita.

Você se depara com isso? Se sim, como melhor refutar isso, além do fato de que o materialismo não é tudo o que existe?

Dr. Craig: Como eu disse na semana passada, quero afirmar que, na visão ateuísta, dado o naturalismo, o que chamamos de valores e deveres morais são apenas padrões de comportamento impregnados em nós pela evolução biológica e condicionamento social, assim como em um bando de babuínos você vê comportamento autossacrificial, evidenciado em

outras formas de comportamento cooperativo, evidenciado porque a seleção natural determinou que é vantajoso na luta pela sobrevivência. Então, entre os *homo sapiens* neste planeta evoluiu uma moralidade de rebanho semelhante, que é vantajosa na luta pela sobrevivência. Mas no ateísmo não parece haver nada que torne essa moralidade objetivamente vinculativa e verdadeira. Se você rebobinasse o filme da evolução humana até o início e comesse de novo, um tipo muito diferente de criatura poderia ter evoluído com um conjunto muito diferente de valores morais.

De fato, você deve se lembrar que citei do livro de Darwin, "A Descendência do Homem", onde ele disse que se os seres humanos tivessem sido criados sob a condição que as abelhas estão nas colmeias, então as mães achariam seu dever matar suas filhas e ninguém pensaria em protestar. Acho que esse ponto é realmente um que podemos usar para dizer que a premissa (1) é verdadeira. Se Deus não existe, então valores e deveres morais objetivos não existem. Esse tipo de pensamento apoia a premissa (1). Sim. Aqui.

Discussão sobre o debate com Sam Harris

Aluno(a): Quando você debateu com Sam Harris sobre o argumento moral, você acha que ele meio que escapou de dizer que há uma fonte de moralidade objetiva simplesmente dizendo que ele não vê como a sua versão da moralidade – ou o que você estava dizendo que é a moralidade objetiva – ele não vê por que tem que ser o Deus de Abraão? Isso não é como dizer que tem que ser algo, mas ele não acha que é o Deus de Abraão?

Dr. Craig: Bem, faz muitos anos desde esse debate, e minha memória é vaga sobre isso. O que eu lembro é que das três objeções que apresentei contra o humanismo dele . . . ele afirma a objetividade dos valores e deveres morais. Ele não é como o naturalista ou relativista. Ele quer afirmar a objetividade dos valores e deveres morais, mas ele os fundamenta nos seres humanos que tudo o que é propício ao florescimento humano é bom, e tudo o que prejudica o florescimento humano é ruim. Desafiei isso em uma visão naturalista. Não consegui ver nenhuma razão para pensar que isso seria o caso no naturalismo. Pelo que me lembro, ele nem sequer abordou as três críticas que eu fiz.

Não me lembro se ele ofereceu alguma crítica à ética baseada no teísmo. Você teria que olhar o debate novamente. Está no YouTube. Talvez ele tenha apresentado o Argumento Eutífron que vamos falar daqui a pouco. Eu simplesmente não me lembro. Mas o que eu me lembro é que ele nem sequer tentou apresentar uma defesa de sua visão de que no naturalismo valores e deveres morais objetivos existiriam.

Aluno(a): Para mim, parecia que ele meio que apenas contornou o que você disse. Ele afirmou que você o citou incorretamente de seu livro e sugeriu que o público lesse. Então ele apenas disse que não entendia por que você partiu da posição de que a moralidade objetiva vem de Deus (ou um deus). Ele disse que não tem que ser o Deus de Abraão, o que obviamente não foi uma resposta lógica. Não é. Não se encaixa no argumento. Você não estava dizendo que era o Deus de Abraão. Você disse que não era Deus.^[1]

Dr. Craig: Isso é irrelevante porque estamos defendendo um monoteísmo genérico, não o monoteísmo cristão ou judaico naquele debate. O debate era sobre: "É a base da moralidade natural ou sobrenatural?" Que é um argumento para Deus, não para o Deus de Abraão. A

propósito, em termos de citar incorretamente, eu tinha as notas de rodapé para meu discurso bem ali comigo, caso ele dissesse isso. Depois do debate, mostrei a ele as notas de rodapé onde, de fato, esta era uma citação precisa de seu próprio trabalho.

Objetividade e a ilustração do Holocausto

Aluno(a): Dadas as últimas duas questões e a última sessão, ainda não estou convencido de que a moralidade objetiva não é moralidade subjetiva. Não tenho certeza se é binária. Não tenho certeza se toda moralidade não é subjetiva. Da última sessão (e eu envolvi minha mãe nisso – nós revisamos a fita), não para trazer de volta a mais feia de todas as analogias, mas a analogia do nazismo foi a que disse isso é a evidência que você usa para a existência da moralidade objetiva ou eu entendi mal?

Dr. Craig: Não exatamente. Ainda não defendi a segunda premissa que diz que valores e deveres morais objetivos existem. Tudo o que defendi é a primeira premissa que diz que se Deus não existe então valores e deveres morais objetivos não existem. A ilustração do Holocausto não era uma ilustração, ou pretendia provar, que valores e deveres morais são objetivos. Era para ilustrar o que se entende por objetivo versus subjetivo. O que eu disse foi que dizer que o Holocausto foi objetivamente errado é dizer que foi errado mesmo que as pessoas que o realizaram achassem que estava certo, e que ainda seria errado mesmo se os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial e lavado o cérebro ou exterminado todos que discordassem deles de modo que fosse universalmente aceito entre a humanidade que o Holocausto era bom.

Dizer que foi objetivamente errado é dizer que ainda seria errado mesmo se fosse universalmente aceito entre os seres humanos que estava tudo bem. Isso foi tudo o que essa ilustração pretendia mostrar – a diferença entre objetivo e subjetivo. Quer continuar?

Aluno(a): Não, quero sair do caminho e ir para o próximo ponto.

Dr. Craig: Ok! Bom!

O dilema de Eutífron

Então a questão ainda permanece: o Holocausto foi objetivamente errado? Ainda não falamos sobre isso. Mas antes de chegarmos a isso, precisamos considerar objeções à premissa (1). Dei uma defesa disso, mas claramente há objeções a isso. A primeira objeção que será levantada se você apresentar este argumento será o chamado Dilema Eutífron. Agora, isso está na última página do seu esboço, sob 3.1, mas quero movê-lo aqui sob a premissa um. É aqui que realmente pertence. O Dilema Eutífron é realmente uma objeção à premissa (1). O nome vem de um personagem em um dos diálogos de Platão chamado Eutífron. O dilema basicamente é assim: algo é bom apenas porque Deus o quer, ou Deus quer algo porque é bom?

Se você disser que algo é bom apenas porque Deus o quer, então o que é bom e mau torna-se arbitrário. Deus poderia ter decidido que o ódio é bom. Então estaríamos moralmente obrigados a odiar uns aos outros e procurar fazer mal uns aos outros. E isso parece loucura. Alguns valores morais, pelo menos, parecem ser necessariamente o caso e não apenas arbitrários dessa maneira. Mas se você disser que Deus quer algo porque é realmente bom e porque é bom, é por isso que ele o quer, então o bem é independente de Deus, contrário à premissa (1).

Nesse caso, valores e deveres morais objetivos existem independentemente de Deus, e não é o caso que, se Deus não existisse, valores morais objetivos não existiriam.

Então, este é o chamado Dilema Eutífron.

A natureza de Deus como padrão do bem

Não precisamos refutar nenhum dos "chifres" do Dilema Eutífron porque o dilema que ele apresenta é um falso dilema. Não é um verdadeiro dilema. É um falso dilema. Ou seja, há uma terceira alternativa de que Deus quer algo porque ele é bom. Deus quer algo porque ele é bom. Agora, o que quero dizer com isso? Quero dizer que a própria natureza concreta de Deus é o padrão de bondade, e seus mandamentos para nós são, por sua vez, expressões de sua natureza. Em suma, nossos deveres morais são constituídos pelos comandos de um Deus santo e amoroso. Portanto, os valores morais não são independentes de Deus porque o caráter de Deus determina o que é bom.

Deus é essencialmente compassivo, bondoso, imparcial, justo, e assim por diante. Sua natureza é o padrão moral que determina o bem e o mal. Assim como uma gravação de alta fidelidade é medida por quão de perto ela se aproxima do som de uma performance ao vivo (é isso que queremos dizer por "alta fidelidade"), assim as ações morais são medidas por quão de perto elas se aproximam da própria natureza de Deus. Os comandos de Deus, por sua vez, refletem seu caráter moral. Portanto, eles não são arbitrários. Então, se o ateu perguntar: "Se Deus ordenasse o abuso infantil, então estaríamos obrigados a abusar de nossos filhos?" ele está fazendo uma pergunta como, "Se houvesse um círculo quadrado, sua área seria o quadrado de um de seus lados?" A pergunta não tem resposta porque o que está predicado é logicamente impossível.

Então, o Dilema Eutífron nos apresenta com uma falsa escolha e não devemos ser enganados por isso. Você não precisa escolher nenhum dos "chifres". Há uma terceira alternativa, a saber, o moralmente bom ou mau é determinado pela natureza de Deus e o moralmente certo ou errado é determinado por sua vontade. Os valores morais estão enraizados na sua natureza; os deveres morais são determinados por sua vontade. Deus quer algo porque ele é bom. Algo é certo porque Deus quer. Essa visão da teoria moral foi defendida eloquentemente em nossos dias por filósofos proeminentes como Robert Adams, William Alston, Philip Quinn, e muitos outros. No entanto, os ateus continuam a atacar o espantalho erguido pelo Dilema Eutífron.

Por exemplo, no Cambridge Companion to Atheism publicado em 2007^[2] o artigo sobre Deus e moralidade, que é escrito por um eticista muito proeminente, refere-se nem ao trabalho desses homens nem à alternativa que acabei de expor, mas ataca apenas a visão de que Deus inventou arbitrariamente os valores morais que é uma visão que não conheço defendida por ninguém hoje. Ninguém que conheço defende essa visão.

Discussão: alternativas e analogias

Algum comentário ou pergunta, então, sobre o dilema Eutífron? Sim. Vamos primeiro a Jim aqui. Espere, espere, espere... vamos primeiro a Jim. Com o microfone. Sim, aqui estamos.

Aluno(a): Você poderia, por favor, repetir a primeira alternativa?

Dr. Craig: Para as duas alternativas? Algo é bom apenas porque Deus quer. Essa é a primeira alternativa. Em outras palavras, os valores morais estão enraizados na vontade de Deus. A outra é que Deus quer algo porque é bom. É bom em si mesmo, e Deus sendo uma boa pessoa o quer. Então Deus quer algo porque é bom. Você não precisa refutá-los porque é um falso dilema. Se isso fosse um verdadeiro dilema, teria a forma “A ou não-A.” Então você está preso. Em um verdadeiro dilema onde as alternativas são contraditórias lógicas não há meio-termo. Então você tem que refutar uma das alternativas. Certo? Mas essa não é a forma do Dilema Eutífron.

A forma do Dilema Eutífron é “A ou B” porque esses não são contraditórios, essas duas alternativas. São A ou B. Com um falso dilema, você escapa dele executando um movimento conhecido tanto pelo lógico quanto pelo toureiro como passar entre os “chifres” do dilema ou escapar dos cornos do dilema. Você sugere alguma terceira alternativa C. Não há necessidade de refutar os dois chifres do dilema. Eles estão errados, essas duas visões, eu acredito. Eles são falsos. Mas a correta, é a terceira visão, C. E isso é: Deus quer algo porque ele é bom. A própria natureza concreta de Deus é o padrão de bondade, e seus mandamentos então (que constituem nossos deveres) fluem dessa natureza moral.

Kevin.

Aluno(a): No livro de C. S. Lewis, Cristianismo Puro e Simples, quando ele oferece seu argumento moral para Deus, ele usa um exemplo para tentar explicar como Deus é o bem, dizendo se você tem dois artistas e você pede a eles para pintar uma imagem da cidade de Nova York, ele diz que a única maneira de julgar qual é realmente melhor é se a cidade de Nova York realmente existir. Tem que haver um padrão. Você acha que essa é uma boa analogia para dizer como Deus é o padrão do certo e do errado?

Dr. Craig: Parece uma boa analogia. Ele está dizendo aí que essas duas representações são medidas em seu realismo pela coisa real. Da mesma forma, deixe as representações artísticas serem ações morais dos seres humanos e deixe Deus ser a cidade de Nova York, e a bondade ou a maldade das ações será medida por quão de perto elas se aproximam de Deus mesmo. Elas são amorosas? Elas são justas? E assim por diante. Isso parece ser uma boa analogia. Eu também gosto da analogia que dei da gravação de alta fidelidade. Algo é alta fidelidade na medida em que se aproxima do som de uma orquestra ao vivo. Lá as ações morais seriam como as gravações e a performance ao vivo é Deus.

Sim?

Trindade e voluntarismo

Aluno(a): Isso compromete você com o essencialismo – que Deus tem propriedades essenciais. Certo?

Dr. Craig: Sim.

Aluno(a): Então tudo bem. Então, é claro, isso seria muito difícil em um monoteísmo unitário – que Deus é uma pessoa – sustentar que Deus é essencialmente bom. Porque há algum estado de coisas possível onde Deus existe sem mais nada e assim suas propriedades morais são difíceis de ver se são exemplificadas.

Dr. Craig: Se eu entendi para onde você está indo com isso, acho que você está sugerindo que, em uma visão unitária de Deus onde Deus é apenas uma pessoa isolada sozinha, ele não seria capaz de exemplificar certas propriedades morais como “ser amoroso” a menos que ele apenas amasse a si mesmo. Uma visão trinitária de Deus tem uma comunhão de pessoas divinas com um relacionamento de amor intra-trinitário entre Pai, Filho e Espírito Santo. Então Deus é essencialmente amoroso em seu próprio ser sem necessidade de criaturas para amar a fim de ser essencialmente amoroso. Essa é a ideia?

Aluno(a): Sim. Suspeito que um monoteísta unitário como um muçulmano realmente não poderia recorrer a isso para sair do Dilema Eutífron.

Dr. Craig: Esse pode muito bem ser o caso. Acho que esse é um argumento de plausibilidade para o trinitarismo que defendi. Sim, Cody. Apenas passe pela mesa. Sim. Ao redor da mesa aqui. OK.

Aluno(a): Sei que você disse que não precisava refutar o A ou o B, mas faça-me essa concessão. Eu queria perguntar um pouco sobre o voluntarista. Deus quer algo apenas porque Deus quer. Muitas pessoas no campo reformado com quem falo – ou seja, calvinistas – realmente defendem visões assim.

Dr. Craig: Deixe-me apenas interromper para dizer – você notou a palavra que ele está usando aqui? Queremos destacar essa palavra. Voluntarismo – essa é a visão de que os valores morais estão enraizados simplesmente na vontade de Deus. Deus simplesmente decide que é bom ser amoroso, mas ele poderia ter decidido que é bom ser odioso. Essa é a visão voluntarista. Esse é um dos chifres do Dilema Eutífron que estou rejeitando. Sua alegação é que certos teólogos reformados parecem favorecer esse chifre voluntarista.

Aluno(a): Parte da razão pela qual alguém como eu ou você, acho, pode rejeitar isso é por causa dessa ideia que parece muito contra-intuitivo dizer que Deus poderia ter feito nosso dever moral, digamos, estuprar ou matar outras pessoas. Isso parece errado. Muitas vezes o que eles respondem é que a única razão pela qual você tem essa intuição é porque Deus arbitrariamente determinou que você a tenha. Portanto, eles parecem pensar que isso parece derrotar o problema.

Dr. Craig: Sim, e acho que isso é uma resposta poderosa. Em outras palavras, o que eles podem dizer é claro que você pensa que o ódio é errado porque é errado! Deus decidiu que está errado. Então, claro, você tem a intuição moral de que está errado. O que mais você esperaria? Deus decidiu que está errado e você tem essa compreensão instintiva da lei moral. Isso não refuta a visão de que Deus simplesmente inventou esses valores morais. Acho que isso é uma resposta muito poderosa. Mas é assim que coloco a objeção. Parece não apenas que essas coisas estão erradas, mas que elas estão necessariamente erradas. Que não há mundo possível em que seria bom ser consistentemente odioso e abusar de crianças e assim por diante.

Isso, eu acho, não é tão facilmente descartado porque lá estamos falando de uma intuição modal que não está fundamentada na vontade de Deus. Certo? Porque ele decidiu neste mundo que está errado, mas dado que os valores morais parecem ser necessários, eles se mantêm em

todos os mundos possíveis e, portanto, não poderiam ser (me parece) simplesmente o resultado de sua vontade. Isso seria como eu responderia a essa tentativa de defesa do voluntarismo.

Aluno(a): Você pode ter um atributo sem necessariamente precisar expressá-lo se você quisesse adotar um ponto de vista não-trinitário. Você pode ter a capacidade de amar e estar isolado em uma ilha deserta e não ter a capacidade de expressá-lo. Mas isso não significa que não esteja lá.

Dr. Craig: O que você está dizendo é que algo como ser amoroso poderia ser uma propriedade disposicional que o Deus unitário tem; a saber, se outras pessoas existissem, então ele as amaria, assim como dizer que uma pessoa de boa índole isolada em uma ilha deserta teria uma disposição para amar os outros mesmo que não houvesse ninguém na ilha para amar. Eu sinto a analogia. Eu a escuto. Mas parece-me que queremos dizer mais do que isso sobre Deus. Não apenas que Deus tem uma disposição para amar as pessoas se elas existissem, mas que ele realmente é amoroso. Seu caráter é tal que ele se entrega em amor a outra pessoa.

Acho que essa demanda é melhor atendida em uma visão trinitária de Deus do que em uma visão unitária de Deus. Na visão unitária de Deus, Deus existindo sozinho não é uma pessoa ativamente amorosa. Ele teria apenas, no máximo, uma disposição. Acho que isso não é totalmente adequado para o maior ser concebível.

Aluno(a): Concordo. Eu estava apenas tentando responder pelo Unitário.

Dr. Craig: Você estava defendendo o Unitário!

Aluno(a): Não, não. Eu estava tentando responder... alguém perguntou como ele pode ter a propriedade de amar se ele é uma unidade. Ele poderia ter esse atributo e ainda não ser capaz de expressá-lo. Mas, é claro, eu aceitaria o conceito trinitário de que sua bondade é inerente ao seu ser.

Dr. Craig: Tudo bem. Bem, o que faremos na próxima vez é olhar para outra objeção à premissa um. Outra tentativa de ter valores e deveres morais objetivos à parte de Deus. Isso será no próximo domingo.

Bênção final

Ah, então, vamos ter uma bênção, certo? E agora, que Deus, a fonte de toda virtude, produza em você amor, alegria, paz, paciência^[3], benignidade, bondade, mansidão, fidelidade, e autocontrole enquanto você é preenchido com o Espírito Santo e anda no poder do espírito esta semana para o louvor da glória de Deus. Em nome de Jesus, Amém.

Referências

William Lane Craig. Lecture 19: The Euthyphro Dilemma. Defenders3, Reasonable Faith, 2016.

For a video of this debate, see <http://www.reasonablefaith.org/media/craig-vs-harris-notre-dame>. For a transcript of this debate, see <http://www.reasonablefaith.org/is-the-foundation-of-morality-natural-or-supernatural-the-craig-harris> (links accessed February 11, 2016).

Diálogo e personagem identificados no corpo; edição não especificada.

Retomada da citação da aula 18; a presente aula não fornece edição e página.

Livro citado por aluno na analogia dos artistas e Nova York; edição e página não fornecidas.

Autores nomeados pelo professor; obras não individualizadas na aula.

Obra e ano 2007 mencionados pelo professor; autor, título exato do capítulo e páginas não fornecidos.

Notas editoriais da revisão

[1] [A conferir] A frase consta do PT e tem correspondência no EN local, mas foi omitida no PDF p.171. Sua formulação é ambígua. Preservada sem tentativa de reconstruir o que o aluno teria dito.

[2] [Certo: PDF pp.173-174] A obra e o ano são os enunciados na aula; não se completaram autoria do capítulo, edição ou páginas que não constam da fonte. A referência preserva essa limitação.

[3] [Certo: EN local e NAA p.2307] A bênção adapta a lista do fruto do Espírito e muda sua ordem em relação à NAA. Foi tratada como oração alusiva, não leitura literal; a proposta distingue kindness de goodness sem reordenar a fala.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-19>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-19/>